

CÍRON, UM DRAMA SATÍRICO DE EURÍPIDES

Wilson Alves Ribeiro Jr
Universidade de São Paulo

Resumo

Círon é o único dos dramas satíricos de Eurípides cujo enredo se apoia em um dos episódios do mito ateniense de Teseu, herói e décimo rei de Atenas. Dispomos, para a reconstrução conjectural desse drama fragmentário, de uma *hypóthesis* parcial e de onze fragmentos encontrados em obras de autores tardios, três deles duvidosos. Há somente sete versos completos, dez versos parciais e duas palavras isoladas, mas, a despeito da pequena extensão, o texto se ajusta ao mito conhecido e indica que Eurípides adaptou os principais elementos da história de Círon ao formato dos dramas satíricos e a um de seus principais temas, a derrota do ogro e consequente libertação dos sátiros.

Palavras-chave: Eurípides; Drama satírico; Teatro grego; Fragmentos; Literatura grega.

Abstract

Among Euripides satyr plays, *Sciron* is the only one with a plot inspired by an episode of the Athenian myth of Theseus, hero and tenth king of Athens. For the conjectural reconstruction of this very fragmentary drama we have a partial *hypóthesis* and eleven fragments found mostly in works by later authors. There are only seven complete verses, ten partial verses and two isolated words, but despite their short length, the remaining text fits the known myth and shows that Euripides adapted the main elements of Sciron's story to satyr play format and to one of its main themes, the defeat of the ogre and liberation of the satyrs.

Keywords: Euripides; Satyr play; Satyr drama; Greek theater; Fragments; Greek literature.

O drama *Círon* (gr. Σκίρων) está listado no catálogo das obras de Eurípides e sua natureza satírica, atestada por Pólux (10.35), foi confirmada pela descoberta de um fragmento de papiro com parte de uma antiga *hypóthesis* (P.Oxy. 2455). Temos atualmente oito fragmentos reconhecidos (F 674a-681) e três de atribuição discutível: F *879¹, F *1084 e *adesp.* F 163a. A *hypóthesis* e o F 674a vieram de um papiro, o P.Oxy. 2455; os demais foram encontrados em fontes secundárias e tardias: Pólux, Ateneu, Estobeu, Hesíquio, Estrabon, Eustácio e o anônimo autor do léxico das *Anedotas Gregas* de Oxford. No passado, o F *953a foi atribuído ao *Círon*, mas atualmente admite-se que se trata apenas de comentário sobre um

¹ O asterisco antes do número do fragmento assinala passagem atribuída a Eurípides pela fonte, mas sem a citação da obra.

drama não identificado de Eurípides². Nenhum documento iconográfico conhecido parece ter relação com o drama satírico.

A data da primeira apresentação é ainda desconhecida. Quanto ao enredo básico, o título, a *hypóthesis* e alguns fragmentos indicam que Eurípides recorreu ao mito ateniense de Círon, um dos bandidos obliterados por Teseu no início de sua carreira.

1. O mito ateniense de Teseu e Círon³

Assim como seu amigo Héracles, o herói ateniense Teseu, décimo rei de Atenas⁴, aliviou o mundo da presença de bandidos e monstros⁵. Na juventude, viajando de Trezena a Atenas para se encontrar com o pai, Egeu, ele atravessou o istmo de Corinto e, de passagem, acabou com um monstro e cinco bandidos que infestavam o caminho⁶. Um dos facínoras era justamente Círon, ladrão e assassino que vivia nas proximidades de Mégara, em um caminho que passa no alto de uma escarpa junto ao mar, de frente para o Golfo Sarônico⁷.

Numerosas cenas de vasos e um relevo do templo de Hefesto em Atenas atestam que o mito era já bem conhecido no final do século VI a.C., mas as raras fontes literárias anteriores a Eurípides aludem ao encontro entre Círon e Teseu, e nada mais: Baquílides⁸, na primeira metade do século V a.C., disse que Teseu ἀτάσθαλον τε Σκίρωνα κατέκτανεν, ‘matou o perverso Círon’, e o próprio Eurípides⁹ fez Teseu mencionar as Σκιρωνίδες, ‘rochas cironianas’ e insinuar que nesse local ele τοῖς κακοῖς μ’ εἶναι βαρύν, ‘foi rigoroso com os malfeitores’. Sófocles¹⁰ conta, por outro lado, que na época de Egeu, pai de Teseu, a região de Mégara era já conhecida por Σκίρωνος ἀκτὴ, ‘encosta de Círon’.

² P.Amherst 2.17, século VI-VII d.C. Ver LUPPE 1982; VAN LOOY 2002, pp. 41-2 n. 9; COLLARD & CROPP 2008, pp. 530-1.

³ Para a versão megarense do mito, na qual Círon é considerado herói local, ver Praxion de Mégara F 1; Plutarco 10.2 e 25.4; Pausânias 1.39.6; HORN 2014, 9-47; ROBU 2014, 71-2. Sobre a discutível fusão entre os personagens Círon e Círos de Salamina, ver HANELL 1934, pp. 40-6; sobre o impacto religioso dessas questões em Atenas, Mégara e Elêusis, ver ROBERTS 1912.

⁴ Cf. Castor de Rodes F 4.

⁵ Diodoro Sículo 4.59.1.

⁶ Em sua viagem de Trezena a Atenas, através do Istmo de Corinto, Teseu derrotou e matou, em sequência: Perifetes, em Epidauro; Sinis, na parte oeste do Istmo de Corinto; Feia, uma porca monstruosa, em Crômion (parte leste do Istmo); o nosso Círon, perto de Mégara; Cercion, entre Mégara e Elêusis; e Procusto, no caminho sagrado entre Elêusis e Atenas.

⁷ O local, caracterizado por íngremes penhascos nos flancos dos Montes Geranianos (Γεράνεια Όρη), entre Atenas e Corinto, é atualmente conhecido por Κακιά Σκάλα, “Escadaria Ruim”.

⁸ Baquílides 18.24-5.

⁹ Eurípides, *Hipólito* 979.

¹⁰ Sófocles, *Egeu* F 24.

Xenofonte¹¹, na primeira metade do século IV a.C., também menciona Círon brevemente e talvez Calímaco¹², em meados do século III a.C, tenha descrito a façanha de Teseu com mais detalhes, mas essa possibilidade depende excessivamente da interpretação do duvidoso F 245 de Calímaco. Deve-se notar também que, se a hipótese do *Círon* de Eurípides foi criada na época dos eruditos da Biblioteca de Alexandria, como muitos outros, os mitógrafos podem ter enriquecido o mito de Círon a partir do enredo do drama satírico. De qualquer modo, descrições mais detalhadas são encontradas somente nos séculos I-II d.C., nas *Metamorfoses* de Ovídio (7.443-8), na *Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo (4.59.4) e na *Epítome da Biblioteca* do Pseudo-Apolodoro (1.2)¹³:

ele (sc. Teseu) matou Círon, o Coríntio, filho de Pélops ou, segundo alguns, de Posídon. Na Megárida ele controlava as rochas cironianas, assim nomeadas por causa dele; forçava os que passavam a lavar-lhe os pés e, enquanto lavavam, lançava-os no fundo (do abismo) para serem devorados por imensa tartaruga. Teseu pegou-o, porém, pelos pés e jogou-o no mar.

Pausânias¹⁴ conta mais ou menos a mesma história; Diodoro não menciona a tartaruga gigante, mas diz que Círon lançava os passantes em local denominado *Χελώνη*, ‘Tartaruga’; Ovídio¹⁵, que Círon era um *latro*, ‘ladrão’ e seus ossos se transformaram no rochedo ou penhasco que leva seu nome; e Estrabon¹⁶ informa que os atenienses também chamavam de “Círon” uma forte ventania que soprava nas rochas cironianas.

Fig. 1 - Teseu domina Círon.

¹¹ Xenofonte, *Memoráveis* 2.1.14.

¹² Calímaco, *Hécale* F 245.

¹³ No original: ἔκτεινε (sc. Θησεύς) Σκεῖρωνα τὸν Κορίνθιον τοῦ Πέλοπος, ὡς δὲ ἔνιοι Ποσειδῶνος. οὗτος ἐν τῇ Μεγαρικῇ κατέχων τὰς ἀφ’ ἑαυτοῦ κληθείσας πέτρας Σκειρωνίδας, ἠνάγκαζε τοὺς παριόντας νίξειν αὐτοῦ τοὺς πόδας, καὶ νίζοντας εἰς τὸν βυθὸν αὐτοὺς ἔρριπτε βορὰν ὑπερμεγέθει χελώνη. Θησεὺς δὲ ἀρπάσας αὐτὸν τῶν ποδῶν ἔρριπεν εἰς τὴν θάλασσαν.

¹⁴ Pausânias 1.44.8.

¹⁵ Ovídio, *Metamorfoses* 7.444.

¹⁶ Estrabon 9.1.4.



Fonte: Berlin F2288. Foto do Autor¹⁷.

Esses sucintos relatos do encontro entre Teseu e Círon ecoam quase todos os documentos iconográficos que registraram o mito muito antes das fontes literárias. Os elementos invariavelmente presentes são a rocha e os dois lutadores, um deles (Círon) quase sempre caído; em algumas cenas de vasos, os lutadores estão até mesmo identificados por inscrições¹⁸. A representação mais antiga é, provavelmente, a de um cálice do final do século VI a.C. (Florença 91456)¹⁹, que mostra Teseu segurando o inimigo caído, por um dos pés, diante de enorme rocha²⁰. Dois outros cálices decorados por Douris na primeira metade do século V a.C., Berlin F 2288 (Fig. 1) e Londres 1843,1103.13²¹, assim como uma das métopas

¹⁷ Interior de cálice ático de figuras vermelhas atribuído a Duris. Vulci, 480-460 a.C. Berlin F2288. Inscrições: ver nota 18, a seguir.

¹⁸ Ver Fig. 1: ΘΕΣΕΥΣ, *Teseu*; ΚΙΡΟΝ, *Círon*.

¹⁹ Lado B de cálice ático de figuras vermelhas assinado pelo ceramista *Kachrylōn*. Orvieto, c. 510 a.C. Imagens disponíveis em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kachrylion_\(potter\)_ARV_108_27_Eros_flying_with_flower_-_deeds_of_Theseus_\(05\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kachrylion_(potter)_ARV_108_27_Eros_flying_with_flower_-_deeds_of_Theseus_(05).jpg).

²⁰ Um esquifo fragmentário de figuras negras do final do século VI a.C. (Atenas Acr. 1.1280, lado B) talvez seja da mesma época ou um pouco anterior.

²¹ Lado B da face externa de cálice ático de figuras vermelhas de Duris. Vulci, 485-480 a.C. Imagens disponíveis em https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1843-1103-13.

do templo de Hefesto na ágora de Atenas²², de 450 a.C., mostram igualmente a tartaruga. Na cena de Douris conservada em Londres e em uma ilustração de Onésimo datada de 500-490 a.C. (Paris G 104)²³, há também uma larga “bacia” (gr. ποδανιπήρ), usada para lavagem de pés. Representações artísticas posteriores são semelhantes e relativamente numerosas, sinalizando a popularidade dessa história na Antiguidade.

Além do *Círon* de Eurípides, essa versão do mito inspirou comédias homônimas de Epicarmo (F 123-4) e de Aléxis (F 210)²⁴.

2. Texto grego²⁵

ΣΚΙΡΩΝ ΣΑΤΥΡΙΚΟΣ²⁶ / CÍRON, DRAMA SATÍRICO

ΥΠΟΘΕΣΙΣ²⁷

Σκείρων [Σατυρικός, οὗ ἀρχή·
 Ἡρμῆ, σὺ γὰρ δὴ [
 ἔχεις. ἢ δ' ὑπόθεσις· (76)
 Σκείρων τῶν κατειστ[4
 θῆ· πετρῶνα καταλαβ[ὼν
 ἀπὸ ληστείας βίον εἶχ[εν ἀσεβῆ, παῖς
 Ποσειδῶνος ὦν· καὶ τῆ[ν τῶν στενῶν αὐ- (80)
 τὸς ἔμβασιν οὐ θεωρῶν, [ἔχων δὲ πρόσκο- 8
 πον καὶ διάκονον τῆς ὕβ[ρεως Σιληνόν,
 ἐκείνῳ μὲν ἐπέτρεψ[εν τὴν ὁδὸν φρου-
 ρεῖν, αὐτὸς δὲ ἐχωρίσθ[η. ἔπειτα δ' εἰς τὴν (84)
 ἐρημίαν σάτυ[ρ]οι εἰσκ[ωμάσαντες μετὰ 12

²² Trata-se da terceira métopa da face norte, do leste para o oeste, esculpida em alto relevo. Mármore de Paros, *in situ*, c. 450 a.C. Imagens disponíveis em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Metopes_of_the_temple_of_Hephaestus.jpg. Ver também MORGAN 1962, prancha 73a.

²³ Face A do lado externo de cálice ático de figuras vermelhas de Onésimo. Cerveteri, 500-490 a.C. Imagem disponível em <https://collections.louvre.fr/ark:/53355/cl010269995>.

²⁴ Epicarmo floresceu entre 500 e 475 a.C.; Aléxis viveu entre 375 e 275 a.C.

²⁵ Edições utilizadas: TrGF 5.2, pp. 660-4; 896; 1011; e, para o *adesp.* F 163a, o TrGF 2, p. 61. Para a colometria dos F 678-9, segui Pechstein (1998).

²⁶ Cf. IG II/III² 2363 col. i.5, c. 100 a.C.; IG XIV 1152 col. i.24 (Louvre Ma 343), século II d.C.; P.Oxy. 2456 2.3, século II d.C. Ver também a ὑπόθεσις, linhas 1 e 4.

²⁷ P.Oxy. 2455 fr. 6.74-90, século II d.C.

ἑταιρῶν θη[
 θησαν ὑποτ[
 κειας ἔχοντ[(88)
 μετὰ χεῖρα[σ 16
 δ[].τε

ARGUMENTO

drama satírico Círon, cujo início é:
 Ó Hermes, pois és tu que ...
 manténs. E eis o argumento: (76)
 Círon, dos ... 4
 ... um lugar rochoso ocupou e
 ali levava ímpia vida de roubos; era
 filho de Posídon. A entrada dos estreitos (80)
 ele mesmo não vigiava, tendo Sileno 8
 como olheiro e servo nesses ultrajes,
 a quem deixava a vigilância do caminho
 enquanto ficava à parte. Depois de os sátiros (84)
 irromperem naquele lugar isolado, na companhia 12
 de prostitutas ...
 ...
 tendo (?) ... (88)
 com as mãos (?) 16
 ...

F 674a²⁸

ΣΙΛΗΝΟΣ

Ἑρμῆ, σὺ γὰρ δὴ [- ~ - - ×] ἔχεις

SILENO

Ó Hermes, pois és tu que ... manténs

²⁸ Cf. P.Oxy. 2455 fr. 6.75-6.

F 675²⁹

καὶ τὰς μὲν ἄξι, πῶλον ἦν διδῶς ἓνα,
 τὰς δέ, ξυνωρίδ'· αἱ δὲ κἀπὶ τεσσάρων
 φοιτῶσιν ἵππων ἀργυρῶν. φιλοῦσι δέ
 τὰς ἐξ Ἀθηνῶν παρθένους, ὅταν φέρη
 πολλάς <τις>

4

Poderás levar também estas, se deres um potro,
 e essas, por um par (deles); aquelas ali irão contigo
 por quatro cavalos de prata; e essas gostam
 das donzelas de Atenas, quando <alguém>
 carrega muitas

4

F 676³⁰

σχεδὸν χαμεύνη σύμμετρος Κορινθίας
 παιδός, κνεφάλλου δ' οὐχ ὑπερτείνεις πόδα

(és) quase do mesmo tamanho do catre de uma garota
 de Corinto; além do colchão não estenderias o pé

F 677³¹

οὐδὲ κωλῆνες νεβρῶν

e nem coxas de corços

F 678³²

< × – ~ – × – ~ > ἔστι τοι καλὸν

{τοὺς} κακοὺς κολάζειν

< × – ~ – × – ~ > é belo, vês,

²⁹ Pólux 9.75, século II d.C.

³⁰ Pólux 10.35.

³¹ Ateneu 9.368d, início do século III d.C.

³² Estobeu 4.5.6, fl. século V d.C.

castigar malfeitores

F 679³³

⟨ × – ∪ – × – ∪ ⟩ ἢ προσπηγνύναι
κράδαις ἐριναῖς

⟨ × – ∪ – × – ∪ ⟩ ou prender
nos ramos das figueiras

F 680³⁴

ἀμαρτεῖν = ὀμαρτεῖν

acompanhar

F 681³⁵

ἔμβολα

esporões

F *879³⁶

ὁ λῶστος οὗτος καὶ φιλοξενέστατος

este (é) o melhor e mais hospitaleiro

F *1084³⁷

⟨ΧΟΡΟΣ⟩

ἦκω περίκλυστον προλιποῦς Ἀκροκόρινθον,
ἱερὸν ὄχθον, πόλιν Ἀφροδίτας

⟨CORO⟩

³³ Ateneu 3.76c.

³⁴ Hesíquio α 3456 Latte, fl. séculos V-VI d.C.

³⁵ Hesíquio ε 2307 Latte.

³⁶ CRAMER 1835, p. 452, linha 17. Outras atribuições: *Busiris* (WILAMOWITZ 1893, p. 18).

³⁷ Estrabon 8.6.21, c. 23 d.C., atribuído ao *Círon* por Pechstein (1998, p. 353). Outras atribuições: *Édipo* (HARTUNG 1843, p. 247) e *Alcmeon em Corinto* (WILAMOWITZ 1893, p. 12).

eu **chego** após deixar Acrocorinto cercada pelo mar,
colina sagrada, pólis de Afrodite

adesp. F 163a = 609³⁸

ἐξιππα καὶ τέθριππα καὶ ξυνωρίδας

carruagens de seis cavalos, de quatro cavalos e um par de cavalos

3. Reconstrução conjetural e comentários

Nos manuscritos conservados, o texto dos dramas gregos é usualmente antecedido do título tradicional, de um (ou mais de um) argumento (ὑπόθεσις, transl. *hypóthesis*) que contém diversas informações sobre o drama, e de uma lista de personagens (δράματος πρόσωπα, lat. *dramatis personae*). As divisões tradicionais da tragédia, prólogo, párodo, episódios, estásimos e êxodo, aplicam-se também aos dramas satíricos.

O título do *Círon* está registrado nos catálogos de dramas euripidianos; note-se que a *hypóthesis* registra a variante Σκείπων nas linhas 1 e 4. A *hypóthesis*, do tipo narrativo, é a mais completa dentre as *hypótheseis* fragmentárias conhecidas e tem numerosas informações sobre o enredo, personagens, cenário e a natureza satírica do drama, além do título. Esse modelo é seguido, em outras partes do mesmo papiro, em relação ao drama satírico *Sileu* e às tragédias *Medeia*, *Troianas*, *Télefo* e *Hipsípila*, entre outras.

A despeito da natureza fragmentária das informações, é possível reconstituir o enredo básico, a ação dramática e alguns detalhes do drama satírico, pois o argumento e os fragmentos sobreviventes são suficientemente compatíveis com os principais acontecimentos do mito de Círon e Teseu. O Quadro 1 compara os principais elementos do mito, do enredo do *Cíclope*, de Eurípides, único drama satírico completo que sobreviveu, e da reconstrução conjetural do *Círon*.

Quadro 1 – O mito de Círon e o enredo do *Cíclope* e do *Círon*

Mito	<i>Cíclope</i>	<i>Círon</i>
------	----------------	--------------

³⁸ Eustácio, *Comentários sobre a Odisseia* 1539.31, século XII. A inclusão deste fragmento no *Círon* é defendida por Steffen (1952) e Pechstein (1998). Outras atribuições: *comica adespota* F 1281 (KOCK 1888, p. 621). Kock escreveu, mais precisamente, *comici sit an tragici dubito*, ‘duvido que seja cômico ou trágico’.

Círon assalta e rouba os passantes	Polifemo devora todos aqueles que chegam à sua ilha, mas escraviza os sátiros	Círon assalta e rouba os passantes, ajudado por sátiros escravizados
	Odisseu se identifica e conversa com os sátiros	Teseu se identifica e conversa com os sátiros
Teseu e Círon se encontram	Odisseu encontra Polifemo	Teseu encontra Círon
Círon oferece hospitalidade, tenta enganar, roubar e matar Teseu	Odisseu pede hospitalidade, mas Polifemo mata e devora alguns de seus companheiros	Círon oferece hospitalidade, tenta enganar, roubar e matar Teseu
Teseu derrota e mata Círon	Odisseu engana e cega Polifemo, depois foge	Teseu derrota e mata Círon
Teseu segue viagem	Odisseu liberta os sátiros e segue viagem	Teseu liberta os sátiros e segue viagem

Fonte: elaboração própria.

Os dramas satíricos usualmente têm três tipos de enredo³⁹: (i) os sátiros estão presentes em mitos dos quais nunca participavam e simplesmente mostram sua natureza não convencional e anárquica em cena; (ii) recebem, além disso, tarefa que procuram realizar diligentemente, enquanto exibem suas “características satíricas”; (iii) dominados por um ogro⁴⁰ e obrigados a realizar tarefas incompatíveis com sua natureza, são finalmente libertados pela intervenção de um herói. No *Círon*, a inequívoca menção ao ‘lugar rochoso’, a Círon e à sua ‘ímpia vida de roubos’ (argumento 4-6) evoca o mítico encontro entre Teseu e Círon no istmo de Corinto, perto de Mégara, e indica que o enredo certamente apresenta um dos temas satíricos favoritos de Eurípides, o do ogro castigado pelo herói⁴¹. Nesse tema, os sátiros são inseridos no mito tradicional como servos de um ogro humano ou monstruoso, sujeitos a desempenhar, contra a vontade, tarefas incompatíveis com sua natureza. No *Círon*, Sileno é incumbido de vigiar o caminho e os sátiros, escravizados por Círon e encarregados de vigiar a

³⁹ RIBEIRO JR. 2015, pp. 167-9.

⁴⁰ O ogro pode ser um rei, um deus ou um monstro (IDEM, p. 170).

⁴¹ Além do *Ciclope* e do *Círon*, Eurípides recorreu a esse tema também em *Busíris*, *Euristeu* e *Sileu*. Segundo Van Looy (2002, p. 44, n. 11 e 13), Wilhelm Schmid, Eric Turner e Thomas Webster apresentaram no passado algumas conjecturas que não são mais levadas em consideração pelos estudiosos modernos.

passagem, usam prostitutas de Corinto para atrair os passantes (argumento)⁴². Os acontecimentos seguintes, como a chegada de Teseu e sua interação com os sátiros (F 676-7), seu encontro com Círon (F *879?), a subsequente morte do vilão e a libertação dos sátiros (F 678?) podem ser inferidos, em linhas gerais, pela compatibilidade entre os fragmentos, elementos do mito e o tema básico.

Os personagens do drama são Sileno, Círon, o coro de sátiros, prostitutas de Corinto e Teseu; com exceção de Teseu, todos foram mencionados no argumento. A presença de Teseu é evocada através de suas façanhas: Círon é um dos malfeitores obliterados por ele; talvez o F 676, que menciona um leito, lembre Procusto; e o F 679, que menciona uma árvore, Sínis. De qualquer modo, a presença de Teseu é essencial, pois é ele o herói que libertará os sátiros. Para a representação das prostitutas há duas possibilidades: figurantes mudas ou os próprios sátiros, transvestidos. Esta última me parece a mais provável, uma vez que há precedentes para o transvestismo dos sátiros na arte⁴³ e no drama satírico *Ônfale*, de Íon de Quios⁴⁴.

O cenário era certamente simples e rústico; talvez mostrasse apenas uma rocha no fundo, como nas cenas de vasos que representam o encontro entre Teseu e Círon. Van Looy⁴⁵ propôs a entrada de uma gruta, o que me parece desnecessário para a representação do drama. Pechstein⁴⁶ defende a presença de uma espécie de “sofá” no palco, citando como base o F 676, mas a presença de mobiliário no palco, a meu ver, realmente não condiz com os cenários habituais dos dramas satíricos conhecidos. Note-se que o argumento menciona a ‘entrada dos estreitos’ (7-8) e o ‘caminho’ (10), mas nenhuma gruta, e o texto do F 676 não implica, de modo algum, que Sileno se referia a ‘catre’ e ‘colchão’ fisicamente presentes no palco.

O F 674a, que contém uma parte do primeiro verso do drama satírico e, portanto, do prólogo, foi conservado pelo autor do argumento (linhas 2-3). É Sileno quem enuncia o prólogo, como no *Ciclope*; após uma invocação a Hermes, semelhante à do verso 1 do *Ciclope*, Sileno provavelmente descreve a situação atual: ele e os sátiros, sob o domínio de Círon, foram encarregados de vigiar o caminho e atrair os passantes, a quem Círon rouba e mata. Esse procedimento “explicativo” era utilizado com frequência por Eurípides nos monólogos declamados no início das tragédias e dramas satíricos, e.g. *Suplicantes*, *Ifigênia*

⁴² Conrad (1997, pp. 225-7) acredita que Sileno tentava encher os próprios bolsos, como no *Ciclope* (132-50). Ver também Sófocles, *Rastejadores* F314.50-6; Íon de Quios, *Ônfale* F 31.

⁴³ Cf. Atenas 1220, χοῦς ático de figuras vermelhas de 450-400 a.C. e Atenas Ágora P 169, fragmento de cratera ática de figuras vermelhas de 400-390 a.C.; imagens disponíveis em UHLIG 2021, p. 458-9.

⁴⁴ Ver Íon de Quios, *Ônfale* F 20 e 22. Cf. UHLIG 2021, 465-70 e RIBEIRO JR. 2023, pp. 9-10 e 14-15.

⁴⁵ VAN LOOY 2002, p. 41.

⁴⁶ PECHSTEIN 1998, p. 240.

em *Táuris* e *Ciclope*. Devido à saudação enfática a Hermes, “pois és tu que”, documentada na épica, na lírica e entre personagens de outros dramas⁴⁷, Pechstein acredita que Hermes é um dos personagens da peça⁴⁸, mas acho isso improvável. No *Ciclope*, por exemplo, Dioniso é invocado e não está entre os personagens.

Fig. 2 – Coro de sátiros dança a *síkinis* diante de um auleta.



Fonte: Londres 1856.12-13.1. Foto do Autor⁴⁹.

De acordo com o argumento (linhas 11-3), o Coro de sátiros ‘irrompe’ em cena, ‘na companhia de prostitutas’⁵⁰. Essa referência a uma abrupta entrada do Coro no início do párodo provavelmente sinaliza a agitada, frenética e caótica dança dos sátiros, a *síkinis* (gr. σίκιν(ν)ις⁵¹, caracterizada por pulos e movimentos bruscos e exagerados, com braços e pernas posicionados em ângulo reto, talvez acompanhados de mímica⁵² (Fig. 2). As “prostitutas” (i.e., alguns sátiros transvestidos) formavam possivelmente um segundo coro, que dançava

⁴⁷ *Iliada* 23.607; Arquiloque (F 269); Sófocles, *Filoctetes* F 246; Eurípides, *Alceste* 1138, Admeto a Hércules; *Electra* 82 e *Orestes* 1224 (interpolação), Orestes a Píladas. Na épica, a expressão foi também utilizada em invocações (*hino homérico a Deméter* 68). A construção do verso inicial de *O homem odiado* (gr. Μισούμενος), de Menandro, é quase idêntica: ὦ Νύξ – σὺ γὰρ δὴ, ‘Ó Noite, pois és tu’. A expressão também está presente em diversas outras comédias de Menandro e em Platão, Xenofonte, Aristóteles, Libânio e outros prosadores.

⁴⁸ Ver PECHSTEIN 1998, p. 229 ad F 674a.

⁴⁹ Uma das cenas (c) do painel inferior de cálice-cratera ática de figuras vermelhas atribuído ao Pintor dos Nióbidas. Altamura, 460-450 a.C. Londres 1856,1213.1.

⁵⁰ A palavra grega ἑταῖρα, literalmente ‘companheira’, é usualmente traduzida por ‘cortesã’ ou por ‘prostituta’, dependendo do contexto e da natureza dos serviços prestados. A crua precificação descrita no F 676 indica que a tradução “prostitutas” é a mais apropriada; ver FUNKE 2013, pp. 212-3.

⁵¹ Cf. Pratinas F 4.15-6; Sófocles F 772 e *Rastejadores* 218-9; Eurípides, *Ciclope* 37; Aristoxeno F 104 e 106; Ateneu 14.630b-c. Ver SEIDENSTICKER 2010 para discussões recentes sobre a *síkinis*.

⁵² Um dos cantos corais remanescentes do drama satírico *Puxadores de rede* (Δικτυοκοί, 802-32), de Ésquilo, é altamente sugestivo de dança e canto com mímica.

separadamente; ou, talvez, os sátiros transvestidos dançassem individualmente em meio à agitação⁵³. Se os versos anapésticos do F *1084, no qual um coro menciona ter chegado de Acrocorinto, efetivamente pertencem ao *Círon*, devem ser atribuídos a uma parte do párodo apresentada pelo grupo das prostitutas⁵⁴.

O primeiro episódio começa, provavelmente, com a chegada de Teseu, recebido por Sileno como cliente em perspectiva, a quem são oferecidas as “mercadorias” disponíveis (F 675-6 e *adesp.* F 163a). O F 675 é parte de um hilário pregão: “potro”, “quatro cavalos de prata” e “donzelas de Atenas” são referências às imagens cunhadas em moedas de uso corrente na época, de valor crescente: estáteres de Corinto, com representação de Pégaso (‘potros’); tetradracmas de Siracusa, com uma quadriga (‘quatro cavalos de prata’); e tetradracmas de Atenas, com a efígie da deusa Atena (“donzelas de Atenas”). O *adesp.* F 163a, incluído por Steffen e por Pechstein⁵⁵ no *Círon* devido à semelhança com o F 675, refere-se também, provavelmente, a moedas, i.e. seis, quatro e dois estáteres coríntios. A menção ao ‘catre de uma garota de Corinto’ (F 676) indica inequivocamente a natureza do comércio, uma vez que a pólis de Corinto era notória por suas prostitutas⁵⁶; Pechstein⁵⁷ observou, ademais, que *πῶλος* e *παρθένος* (F 675) são metáforas eróticas. O catre poderia ser, também, uma alusão ao leito de Procusto, mas é preciso considerar que esse vilão será destruído por Teseu mais tarde, perto de Elêusis, depois de liquidar *Círon* em Mégara.

A inserção dos demais fragmentos nos estásimos, nos episódios seguintes e no êxodo é problemática, pois seu tamanho é exíguo e o conteúdo é pouco informativo; após o prólogo, consequentemente, entramos no terreno das meras possibilidades. O F 679, que menciona “ramos das figueiras”, pode ser uma alusão a Sínis, que Teseu matou antes de chegar a Mégara, durante a conversa entre Teseu e os sátiros, já cientes de sua identidade. Teseu pode ter conversado com Sileno sobre suas aventuras de viagem e, consequentemente, o F 678, que cita a punição de malfeitores, deve ser parte da conversa que segue a identificação de Teseu; e não é difícil imaginar que esses versos tenham sido enunciados pelo herói⁵⁸ quando é alertado

⁵³ Ver HUNTER & LAEMMLE 2020, p. 96 e 233 *ad* Eurípides, *Cíclope* 635-41.

⁵⁴ Cf. PECHSTEIN 1998, p. 353. Há evidências, no *Cíclope* euripídiano, de partes enunciadas por diferentes sátiros ou grupos de sátiros nos versos 632-41. Ver também Sófocles, *Rastejadores* 100-23 e, possivelmente, *Ínaco* 269c.20-4.

⁵⁵ STEFFEN 1952, *ad loc.*; PECHSTEIN 1998, pp. 353-4.

⁵⁶ E.g. Píndaro F 122; Aristófanes, *Pluto* 149-52; Estrabon 8.6.20. Já não se fala, porém, da “prostituição sagrada” em Corinto, largamente baseada em Píndaro e Estrabon, atualmente desacreditada; ver BUDIN 2008.

⁵⁷ Pechstein (1998, p. 231); cf. Epícrates F 8.3-4; Êubulo F 8.2. Em Hesíquio (π 4500), *πῶλος* é considerado semelhante a *ἑταίρα*, ‘hetera, cortesã’.

⁵⁸ Cf. Eurípides, *Suplicantes* 339-41.

sobre o perigo⁵⁹. O encontro entre Teseu e Círon provavelmente ocorre depois que Teseu, Sileno e os sátiros conversaram bastante⁶⁰ e podemos incluir na cena, **experimentalmente**, o F *879, que fala sobre hospitalidade, e o F 677, que menciona “coxas de corços”, que poderia ser o cardápio da refeição prometida por Círon. Collard⁶¹ imaginou, por outro lado, que o F 677 é alusão à dieta dos sátiros ou a ossadas vistas por Teseu; Pechstein⁶² achou que esse fragmento deve ser parte do prólogo, quando Sileno teria lamentado a separação entre os sátiros e Dioniso. Essas explicações são igualmente plausíveis, mas não há dados suficientes para escolhermos qualquer uma delas. Depois, provavelmente, Teseu e Círon saem de cena e gritos e outras evidências de luta são ouvidos, possivelmente no último estásimo. A seguir, a morte de Círon é anunciada e os sátiros são libertados. Infelizmente não há fragmentos atribuíveis à derrota e morte de Círon e à libertação dos sátiros, que provavelmente se dá no êxodo; mas talvez o F 678, que há pouco situei após a identificação de Teseu, faça parte de um comentário de Teseu ou de Sileno após a morte do vilão.

Os F 680 e 681, constituídos por uma única palavra, até o momento são impossíveis de situar. Collard⁶³ defende que o substantivo “esporões” do F 681 é metáfora para o falo dos onipresentes sátiros e, nesse caso, o fragmento pode pertencer a qualquer parte do drama satírico.⁶⁴

A despeito da exiguidade dos fragmentos e da enganadora simplicidade do argumento, a reconstrução do *Círon*, ainda que parcial, revela cenas elaboradas e marcantes que, certamente, emprestaram variedade, complexidade, humor, ironia e emoção à representação teatral. Este drama satírico deve ser uma das obras tardias de Eurípides, criadas nem muito antes, nem muito depois de *O Cíclope*.

Referências

Berlim	Berlin, Altes Museum
Florença	Firenze, Museo Archeologico Etrusco

⁵⁹ No *Cíclope*, Odisseu é devidamente avisado por Sileno que ele e os companheiros aportaram no lar de monstros antropófagos (117-30).

⁶⁰ No *Cíclope*, Polifemo entra em cena apenas no verso 203, depois do prólogo, do párodo e de uma longa conversa entre Sileno, Odisseu e os sátiros no primeiro episódio (96-202).

⁶¹ COLLARD 2013, p. 401, n. 4.

⁶² PECHSTEIN 1998, pp. 233-4.

⁶³ COLLARD 2013, p. 403, n. 7.

⁶⁴ (espaço reservado para os agradecimentos). Todas as traduções são de minha autoria. Devido ao estado fragmentário do texto, oriundo de fontes e períodos históricos diversos, não segui nenhum critério de tradução específico e procurei apenas reproduzir o estilo do autor de cada fragmento.

Londres	London, The British Museum
Paris	Paris, Musée du Louvre
TrGF	Ver KANNICHT, 2004; KANNICHT & SNELL 2007

BUDIN, S. **The myth of sacred prostitution in Antiquity**. New York: Cambridge University Press, 2008.

COLLARD, C. Major fragments of greek satyric drama. In: O’SULLIVAN, P. & COLLARD, C. **Euripides *Cyclops* and Major fragments of greek satyric drama**. Oxford: Oxbow, 2013, pp. 227-512.

COLLARD, C. & CROPP, M. **Euripides VIII. Fragments**. Cambridge, MA. & London: Harvard University Press, 2008.

CONRAD, G. **Der Silen: Wandlungen einer Gestalt des griechischen Satyrspiels**. Trier: Wissenschaftlicher, 1997.

CRAMER, J.A. **Anecdota graeca e codd. manuscriptis Bibliothecarum Oxoniensium**, v. 2. Oxonii, e Typographeo Academico, 1835.

FUNKE, M.K.A. **Euripides and gender: the difference the fragments make**. PhD Thesis. University of Washington, 2013.

HANELL, K. **Megarische Studien**. Lund: Lindstedts Univ. Bokhandel, 1934.

HARTUNG, J.A. **Euripides restitutus, sive Scriptorum Euripidis ingenüque censura**, vol. 1. Hamburgi: Frederici Perthes, 1843.

HORN, S.L. **The Battlefield of history: Megara, Athens, and the mythic past from 600 BC to 250 BC**. Bryn Mawr College, 2014. URL: <https://scholarship.tricolib.brynmawr.edu/items/e3332e1a-b5dc-49f1-92ac-292ead3b759a>. Consulta: 23/11/2021.

HUNTER, R. & LAEMMLE, R. **Euripides *Cyclops***. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

KANNICHT, R. **Tragicorum Graecorum Fragmenta. Euripides**, v. 5.2. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.

KANNICHT, R. & SNELL, B. **Tragicorum Graecorum Fragmenta. Fragmenta adespota**, v. 2. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2007.

KOCK, T. **Comicorum atticorum fragmenta**, vol. 3. Lipsiae: Teubneri, 1888.

LUPPE, W. Der Dramen-Papyrus P. Amherst II 17 (Pack² 446). **Anagennesis**. Athens, v. 2, 1982, pp. 245-63.

MORGAN, C.H. The Sculptures of the Hephaisteion: I. **Hesperia**. Atenas, v. 31, n. 2, 1962, pp. 210-9.

PECHSTEIN, N. **Euripides satyrophos**. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 1998.

RIBEIRO JR., W.A. Notas sobre os dramas satíricos fragmentários de Eurípides. In: SANTOS, F.B. & OLIVEIRA, J.K. (org.). **Estudos Clássicos e seus desdobramentos: artigos em homenagem à Professora Maria Celeste Consolin Dezotti**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 165-82.

RIBEIRO JR., W.A. O drama satírico Ônfale, de Íon de Quios: comentários. **Codex**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2023, e112202305.

ROBERTS, D.G. Theseus and the robber Sciron. **The Journal of Hellenic Studies**. London, v. 32, 1912, pp. 105-10+423.

ROBU, A. **Mégare et les établissements mégariens de Sicile, de la Propontide et du Pont-Euxin: histoire et institutions**. Berne: Peter Lang, 2014.

SEIDENSTICKER, B. Dance in Satyr Play. In: TAPLIN, O. & WYLES, R. (ed.). **The Pronomos Vase and Its Context**. Oxford: Oxford University Press, 2010, pp. 213-29.

STEFFEN, W. **Satyrophorum Graecorum Fragmenta**. Poznan: Towarzystwa Przyjaciół Nauk, 1952.

UHLIG, A. Satyrs in drag: transvestism in Ion's *Omphale* and elsewhere. In : ANTONOPULOS, P.; CHRISTOPOULOS, M. & HARRISON, George W.M. (ed.). **Reconstructing Satyr Drama**. Berlin / Boston: De Gruyter, 2021, pp. 455-75.

VAN LOOY, H. Σκυρων σατυρικός – Skiron drame satyrique. In: JOUAN, F. & VAN LOOY, H. **Euripide. Tragédies tome VIII, 3^e partie**. Paris: Les Belles Lettres, 2002, pp. 39-49.

WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. von. **De tragicorum graecorum fragmentis commentatio**. Gottingae: Dieterichianis, 1893.

Recebido em: 13/10/2024
Aprovado em: 15/10/2025